

antiguidade clássica, caminhar na procura da verdade, equivalente a caminhar na procura de Deus (*quaerere Deum*).

Esta edição do discurso do Collège des Bernardins é enriquecida com uma série de comentários de relevantes figuras do pensamento e d cultura, incidindo sobre passagens várias do discurso papal: Guy Coq (Da antiga cultura à nova); Júlia Kristeva (A palavra, essa experiência); C. Vigée (A esperança na palavra é promessa do mundo); F. Midal (Unir-se à música dos espíritos sublimes); A. Leproux (As Escrituras); J. Vignon (Deus trabalha); P. Capelle (Universalidade de Deus e universalidade da razão); Mgr C. Dagens (A procura de Deus passa pela cultura); E. Michelin (Meditação sobre o Limiar); Mgr J. Beau (Por uma renovação da cultura); J.R. Armogathe (Três lições pontificais: Ratisbona, Roma e Paris). Completam e enriquecem o volume dois outros grandes discursos: o de Ratisbona e o de Roma (destinado a ser lido na Universidade La Sapienza).

LUÍS SALGADO

FILOSOFIA

DELSOL, Chantal, **Qu'est-ce que l'homme? Cours familial d'anthropologie**, col. «La nuit surveillée», Les Éditions du Cerf (www.editionsdu-cerf.fr), Paris, 2008, 208 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-085861-1.

Membro do Instituto de França e professora de filosofia na universidade de Paris-Est, Chantal Delsol é uma filósofa com talento de poeta. Escreve livros de pensamento e romances de grande êxito editorial. Como pensadora, pensa poeticamente, com a beleza e a sugestividade

próprias da linguagem poética. E também com a originalidade e criatividade. Foi assim que pensou e escreveu este «curso familiar de antropologia». Familiar, porque em renúncia de princípio a toda a pretensão de o assentar em base metafísica ou em dogma ideológico ou em religião. Não apela para nenhuma fé; apenas para a boa fé. Opera numa espécie de lógica da «*reductio ad absurdum*». Como ela diz, cada traço humano que ela vai encontrar e descrever não se demonstra senão pelo seu inverso: a figura (humana) afirma-se pelo sentimento de infelicidade e sofrimento da correspondente des-figura (p. 12).

Na sua mira está, muito particularmente, procurar evidenciar o carácter universal e permanente do ser humano. Universal, não obstante a variedade das suas expressões culturais; permanente, apesar das suas mutações no tempo. Em todo o caso, a autora propõe-se evidenciar também – mesmo que apelando para as loucuras que tentam desfigurar o ser humano na sua mesma compleição biológica – que o ser humano está sempre *alhures*: procurando sempre mais, para além daquilo que lhe está dado.

Antes de mais pela ultrapassagem da mortalidade. Daí que o medo da morte seja aqui dado como o primeiro sinal do humano do homem (cap. I – A mortalidade e a diferenciação). Este medo alarga-se ao colectivo de cada povo. Hoje, o niilismo aponta para a morte também a este nível (cap. II – Uma sociedade é imortal). Por outro lado, a diferenciação entre o bem e o mal (a eticidade e/ou moralidade) é também universal e, por isso, distintiva do humano. A união (ou o ser em relação) encontra a sua desfiguração no princípio de separação que é o princípio do mal. A autora explora exemplificativamente o sucedido com o nazismo, a tribo dos Iks, as ideologias igualitárias e o relativismo que as prolonga (cap. III – Ética: a intuição

universal da norma). Mas não é só a moral. «O homem é ao mais alto nível o ser-que-transmite». Ao humano do homem pertence ser transmissor de cultura e, mais ainda, de civilização que é «arte de viver». Este valor foi desprezado pela modernidade tardia (Iluminismo e sequazes). Resultado? A cultura degenerou em barbárie (cap. IV – A transmissão). A relação, que supõe distinção e separação, é outro distintivo do humano. A verdadeira relação cultiva o dom, que algumas sociedades contemporâneas substituíram pelo «devido». Com isso, instauraram o individualismo que destrói a «relação civil, ou decência comum, a única que torna uma sociedade frequentável» (cap. V – A relação e a distância). Próprio do homem é, finalmente, o paradoxo de se querer arrancado à sua condição humana (por isso vivendo sempre «ailleurs») e carecer sempre de enraizamento. A resolução do paradoxo está em que a vontade de emancipação não é mais que a vontade de um enraizamento mais adaptado, mais livre e mais justo (cap. VI – O enraizamento e a emancipação).

Escrito com grande beleza literária, este ensaio de antropologia de Chantal Delsol está longe de ser um qualquer poema lírico à humanidade do homem. Ele assenta abundantemente na realidade observada na experiência da história, seja em geral seja em casos particulares, seja em suas manifestações positivas seja em suas errâncias ou desvios. Tem uma ampla base fenomenológica, sobre a qual a autora exerce com grande vigor e fina observação, o seu trabalho de interpretação e de reflexão, desvelando sentido e ajuizando criticamente o factual observado. Um livro que se recomenda especialmente a docentes e alunos de antropologia, seja filosófica, seja teológica seja simplesmente cultural.

JORGE COUTINHO

GONZALO SANZ, Luís María, **Entre libertad y determinismo. Genes, cerebro y ambiente en la condición humana**, col. «Ciencia y fe», Ediciones Cristiandad (www.edicionescristiandad.es), Madrid, 2007, 232 p., 175 x 105, ISBN 978-84-7057-519-8.

No presente Ensaio, o autor, especialista em Anatomia e Embriologia, expõe, numa linguagem muito acessível, os vários dados científicos (desde a Física à Biologia até às designadas Neurociências) que têm servido como novos argumentos em favor duma concepção reducionista-materialista do homem e como prova de que a liberdade humana é mera ilusão nossa! Toda a nossa conduta será determinada por causas físicas ou enquadrada num indeterminismo quântico?

O conhecimento dos centros nervosos e das áreas cerebrais que são activadas quando realizamos tarefas sensoriais e mentais; os efeitos no psiquismo resultantes de lesões e alterações cerebrais; os factores somáticos que influem na liberdade humana, etc.; os fenómenos da violência humana (genes e violência, cérebro e violência, o altruísmo, o sentido moral e a maturidade moral, a toxicodependência, a homossexualidade, etc., tudo isso constitui um desafio para as opções entre materialismo e espiritualismo.

Se para os neurocientistas e biólogos e sociólogos materialistas, os factores genéticos, cerebrais e ambientais podem influenciar o nosso agir e, por isso, condicionar o livre arbítrio, o autor desta obra aceita que a relação entre pensamento-cérebro é evidente, mas demonstra também que «o pensamento é metaneuronal».

A. SEPÚLVEDA